PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

Não se deixar contagiar pela tentação

Publicado no L'Osservatore Romano*, ed. em português, n. 08 de 20 de Fevereiro de 2014*

A tentação apresenta-se-nos de modo traiçoeiro, contagia todo o ambiente que nos circunda, leva-nos a procurar sempre uma justificação. E no fim faz-nos cair no pecado, fechando-nos numa jaula da qual é difícil sair. Para lhe resistir é preciso ouvir a palavra do Senhor, porque «ele nos espera», dá-nos sempre confiança e abre diante de nós um novo horizonte. É este em síntese o sentido da reflexão do Papa Francisco durante a missa celebrada em Santa Marta na manhã de terça-feira **18 de Fevereiro**.

O Pontífice parte da liturgia do dia, sobretudo da Carta de são Tiago (12-18) na qual o apóstolo «depois de nos ter falado ontem da paciência — observou — nos fala hoje da resistência às tentações que atraem e seduzam». Mas de onde vem a tentação? Como age em nós?

Inicialmente a tentação «começa com um ar tranquilizador»?, mas «depois aumenta. O próprio Jesus o dizia quando contou a parábola do trigo e do joio (Mt 13, 24-30). O grão crescia, mas crescia também o joio semeado pelo inimigo. E assim também a tentação, cresce, cresce, cresce. E se não a bloqueamos, invade tudo». Depois vem o contágio. A tentação «cresce mas não gosta da solidão»; portanto «procura companhia, contagia outro e assim acumula pessoas». Outro aspecto é a justificação, porque nós homens «para estarmos tranquilos justificamo-nos».

A este propósito o Pontífice observou que a tentação se justifica desde sempre, «desde o pecado original», quando Adão dá a culpa a Eva por o ter convencido a comer o fruto proibido. E neste seu crescer, contagiar e justificar-se, ela «fecha-se num ambiente do qual não se pode sair com facilidade». «Quando caímos em tentação não ouvimos a palavra de Deus. Jesus teve que

recordar a multiplicação dos pães para ajudar os discípulos a sair daquele ambiente». Isto acontece — explicou o Pontífice — porque a tentação nos fecha qualquer horizonte «e assim leva-nos ao pecado». Quando caímos em tentação, «só a palavra de Deus, a palavra de Jesus nos salva». Ouvir aquela palavra abre-nos o horizonte», porque «ele está sempre disposto a ensinar-nos como sair da tentação. Jesus é grande porque não só nos faz sair da tentação mas nos dá confiança».

Neste sentido, o Papa recordou o episódio narrado pelo Evangelho de Lucas (22, 31-32) a propósito do diálogo entre Jesus e Pedro, durante o qual o Senhor «diz a Pedro que o diabo queria joeirá-lo»; mas ao mesmo tempo confidencia-lhe que rezou por ele e entrega-lhe uma nova missão: «Quando estiveres convertido, confirma os teus irmãos». Portanto Jesus, disse o Papa, não só nos espera para nos ajudar a sair da tentação, mas confia em nós. E «esta é uma grande força», «porque ele nos abre sempre novos horizontes», enquanto o diabo com a tentação «fecha e faz crescer o ambiente no qual há desarmonia», de modo que, «se procuram justificações acusando-se uns aos outros».

«Não nos deixemos aprisionar pela tentação» foi a exortação do bispo de Roma. Do círculo no qual a tentação nos fecha «só se sai ouvindo a Palavra de Jesus», recordou o bispo de Roma, concluindo: Peçamos ao Senhor que nos diga sempre, como fez com os discípulos, quando caímos em tentação: Pára. Fica tranquilo. Ergue os olhos, olha para o horizonte, não te feches, vai em frente. Esta palavra salvar-nos-á de cair no pecado no momento da tentação».

Na segunda-feira **17 de Fevereiro**, o Papa Francisco falou sobre a «paciência exemplar do povo de Deus». Há pessoas que sabem sofrer com o sorriso e que conservam «a alegria da fé» não obstante as provas e as doenças. São estas pessoas que «levam em frente a Igreja com a sua santidade de cada dia», até se tornarem autênticos pontos de referência «nas nossas paróquias, nas nossas instituições».

A reflexão do Pontífice sobre o valor da paciência partiu, como é habitual, da liturgia do dia: os trechos da Carta de Tiago (1, 1-11) e do Evangelho de Marcos (8, 11-13). Quando não há paciência, «esta é uma das tentações: torna-se caprichosos» como crianças. E outra tentação dos que não têm paciência é a omnipotência», contida na pretensão: «Eu quero imediatamente as coisas!». Precisamente a isto se refere o Senhor quando os fariseus lhe pedem «um sinal do céu». Na realidade, frisou o Pontífice, «o que queriam?» Queriam um espectáculo, um milagre. No final de contas, é a mesma tentação que o diabo propõe a Jesus no deserto, pedindo-lhe para fazer «algo — assim todos crêem e esta pedra torna-se pão» — ou que se lance do templo para mostrar o seu poder. «A vida cristã — é a sugestão do Papa — deve desenvolver-se sobre esta música da paciência, porque foi precisamente a música dos nossos pais: o povo de Deus». A música «dos que acreditaram na palavra de Deus, que seguiram o mandamento que o Senhor tinha dado ao nosso pai Abraão: caminha diante de mim e sê irrepreensível!».

O Papa concluiu relendo o trecho de são Tiago reproposto também no início da homilia. E pediu ao Senhor que conceda «a todos nós a paciência: a paciência jubilosa, a paciência do trabalho, da paz», doando-nos «a paciência de Deus» e a «paciência do nosso povo fiel que é tão exemplar».

Na missa de sexta-feira **14 de Fevereiro**, o Papa Francisco voltou a repetir o convite que faz com frequência aos fiéis que encontra: «Em frente, ide em frente». E fê-lo recordando dois irmãos, padroeiros da Europa, Cirilo e Metódio, dos quais se celebrava a memória. Como discípulos, foram enviados ao mundo para levar a mensagem e este seu ir, frisou o Papa, «faz-nos reflectir sobre a identidade do discípulo», que é a identidade cristã. Caminhar, ir em frente, além dos obstáculos. É esta a atitude justa para o bom cristão porque faz parte da sua identidade. Aliás, um cristão que não caminha, que não vai em frente «está doente na sua identidade».

Mas, perguntou o Pontífice, «quem é o cristão?», como se comporta o cristão? E a sua resposta foi: o cristão «é um discípulo. É um discípulo enviado. O Evangelho é claro: o Senhor convidou-os, ide, ide em frente! E isto significa que o cristão é um discípulo do Senhor que caminha, que vai sempre em frente. Não se pode pensar num cristão parado. Um cristão que permanece parado está doente na sua identidade cristã».

Outro aspecto da identidade do cristão é que «deve permanecer sempre cordeiro. Uma antiga antífona pascal faz-nos cantar: “estes são os cordeiros novos, baptizados”». O Papa Francisco referiu-se ao trecho do Evangelho de Lucas acabado de proclamar (10, 1-9) e disse: «O cristão é um cordeiro e deve conservar esta identidade de cordeiro: “eis que eu vos envio como cordeiros entre os lobos”». Por conseguinte, permanecer «cordeiro, não estúpido; mas cordeiro. Cordeiro, com a astúcia cristã, mas sempre cordeiro. Porque se tu és cordeiro Ele defende-te. Mas se te sentes forte como o lobo Ele não te defende, deixa-te sozinho. E os lobos comer-te-ão vivo».

«Qual é — perguntou — o estilo do cristão neste caminhar como cordeiro?». «A alegria», foi a resposta. A alegria é o estilo do cristão. O cristão não pode caminhar sem alegria. Não se pode caminhar como cordeiros sem alegria. Uma atitude que se deve manter sempre, também face aos problemas, nos momentos de dificuldade, até «nos próprios erros e pecados» porque «há a alegria de Jesus que perdoa e ajuda sempre».

Portanto o Evangelho, repetiu o bispo de Roma, deve ser levado ao mundo por estes cordeiros que caminham com alegria. «Não fazem um favor ao Senhor na Igreja — admoestou — aqueles cristãos que têm um tempo de vagar lamentoso, que vivem sempre assim, lamentando-se de tudo, tristes. Não é este o estilo de um discípulo. Santo Agostinho diz: vai, vai em frente, canta e caminha, com alegria! E este é o estilo do cristão: anunciar o Evangelho com alegria». Ao contrário, «a demasiada tristeza e também a amargura levam-nos a viver um chamado cristianismo sem Cristo». O cristão nunca está parado: é um homem, uma mulher que caminha sempre, que supera as dificuldades. E fá-lo com as suas forças e com alegria. «O Senhor —

concluiu o Papa — nos conceda a graça de viver como cristãos que caminham como cordeiros e com alegria».

Na manhã de quinta-feira, **13 de Fevereiro**, o Papa Francisco indicou duas figuras emblemáticas das Escrituras — o rei Salomão e a mulher que invoca a intervenção de Jesus para libertar a filha do demónio — o Pontífice quis encorajar o caminho de quantos, silenciosamente, todos os dias procuram o Senhor, passando da idolatria à fé verdadeira. «Dois ícones» — disse — para uma verdade: pecadores sim mas corruptos não. Salomão e a mulher, explicou o Pontífice, percorrem dois caminhos opostos e, precisamente através deles, «hoje a Igreja faz-nos reflectir sobre o caminho que do paganismo e da idolatria leva ao Deus vivente, e que do Deus vivente leva à idolatria».

Dirigindo-se a Jesus a mulher, lê-se no trecho evangélico, é «corajosa», como qualquer «mãe desesperada» que «face à falta saúde de um filho» está disposta a fazer de tudo. «Tinham-lhe dito que havia um homem bom, um profeta» - explicou o Papa – e assim foi procurar Jesus, mesmo se «não acreditava no Deus de Israel». Para o bem da sua filha «não sentiu vergonha do olhar dos apóstolos», que «talvez diziam entre eles: mas o que faz aqui esta pagã?». Aproximou-se de Jesus para o suplicar que ajudasse a sua filha possuída por um espírito impuro. Mas Jesus responde ao seu pedido que «veio primeiro para as ovelhas da casa de Israel». E «explica-lhe isto com uma linguagem severa», dizendo: «Deixa que primeiro se saciem os filhos, porque não é bom pegar no pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos».

Em síntese, trata-se da história de uma mãe que «se tinha exposto ao risco de fazer má figura mas insistiu» por amor da sua filha. E provindo «do paganismo e da idolatria, encontrou a saúde para a sua filha»; e para si mesma «encontrou o Deus vivente». O Papa explicou que «o seu é o caminho de uma pessoa de boa vontade que procura Deus e o encontra». Pela sua fé «o Senhor abençoa-a». Mas é também a história de tantas pessoas que ainda hoje «percorrem este caminho». E «o senhor espera» estas pessoas, movidas pelo Espírito Santo. «Todos os dias na Igreja do Senhor há pessoas que percorrem este caminho, silenciosamente, para encontrar o Senhor», precisamente «porque se deixam impulsionar pelo Espírito Santo».

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana